



29 de Julho



70 ANOS se cumprem sobre a primeira Missa de Pai Américo. Há cinco, quando das suas «bodas de prata» sacerdotais, pudemos publicar a notícia que um seu contemporâneo de Seminário escreveu e «Lume Novo» de Novembro de 1929 publicou. Hoje é mesmo Pai Américo quem conta, abrindo o coração a um velho Amigo de África, a quem queria fazer participar daquele «Gustate et videte quam suavis est Dominus» que ele conhecia por experiência feita.



ANO XVI—N.º 401—PREÇO 1500
25 DE JULHO DE 1959



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Em 29 de Julho, tinha pronunciado e ido, pela primeira vez, «ad altare Dei», na Capelinha das Irmãs auxiliares no Seminário de Coimbra que se estreava também com aquela Missa Nova. Em 5 de Agosto seguinte foi em Paço de Sousa, no velho Mosteiro junto do qual repousa como que a comunicar-nos perseverantemente o «Ite Missa est» de uma Missa de 27 anos que sempre bebeu em Deus a alegria da sua fértil juventude.



«Agora de mim: celebrei aqui no dia 29 do passado primeira Missa e no dia 5 do corrente fui a Paço de Sousa celebrar em comemoração dos nossos mortos, à beira dos vivos. Igreja cheia. Festa toda espiritual, silenciosa, grande como o pensamento, modesta como as violetas. Não houve nada que fizesse olhar para fora; tudo para dentro! Meu irmão Jaime, ex-discípulo de Renan, Voltaire e outros, recebeu das minhas mãos pecadoras o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Da mesma maneira outros irmãos que há muitos anos o não faziam e muita gente da terra, muita, muita gente. Antes, fiz uma pequenina alocação acerca da presença real, do mistério da Eucaristia.

E agora, S., a sua carta; esta sua carta! A sua alma tem sede de amor; a sua alma quer amar mas não sabe. Peça a Deus que o ensine a amar. Num murmúrio divino, humilde, cheio de Fé, — peça a Deus que o ensine a amar! A sua alma, digo, é terreno divino. Semente divina que lá caia, logo cresce e há-de florescer.

Quem me dera estar junto de si para lhe comunicar esta realidade da vida divina que me devora! Durante todos os dias que estive em casa, à hora da minha Missa, voltava-me para o Povo e deixava-lhes um pensamento; pequenino como o dos albus e grande como o Infinito. Era do Evangelho; é do Evangelho que tiro a minha vida, os meus pensamentos, as minhas obras, tudo. A minha alegria é tanta, que os meus Superiores pedem-me para nunca sair do Seminário; que não faça nada, que não diga nada, que só comunique esta minha alegria misteriosa, real, comunicativa. Agora mesmo sigo para Buarcos para a nossa Colónia de Férias. Já lá estive na de Julho a fazer a mesma coisa: Amar.

Eu não tenho tempo de perder tempo, S. Eu quero que você compreenda que dentro da sua vida pode ser um Apóstolo como eu; a questão é de saber amar; a questão é de saber conjugar o verbo amar em todos os tempos. Que lindo ideal o nosso: AMAR! S., peça a Deus que o ensine a amar. Peça a Deus que lhe ensine o mistério da vida. Só Ele nos conhece; só Ele tem palavras de vida eterna. O Mundo é uma grande mentira! Viva as realidades que não aparecem porque as que vemos são... aparências.

QUEM suba do Porto, um nadinha depois de Rebordosa, dá com ela a «Casa dos Encanecidos». A freguesia é Astromil. E ali, naquelas «sete voltas» da

gar onde está. Se o Pároco quiser, outra cairá a fechá-la, na parte de Vandoma.

De resto, as intermédias, serão fruto do esforço das duas paróquias, trabalhando de mãos dadas para aproveitar ao máximo a modéstia dos seus recursos.

O terreno, o problema que aflige em quase todos os lugares, ali não existe. Que se não venha a dizer que deu Deus nozes a quem não tem dentes!



As fotografias que encimam este local mostram a casa e a família que a foi habitar, mais o Pai Américo e os «Encanecidos». Também está o Júlio, que, como companheiro de Pai

o pai fugido às suas obrigações, refugiado no seu egoísmo e cobardia, pois que é — embora a lei lhe não chame — criminoso. Nós estamos cheios, cheios de desgraças semelhantes.

Pois esta Mãe vive de ir pelo leite de lavrador em lavrador e de o juntar para a recolha da Fábrica. Morava no lojão escuro e gretado que sua avó lhe emprestou. Agora tem à sua disposição dois quartos e uma sala e uma cozinha,

PATRIMÓNIO DOS POBRES

estrada antiga, cujo leito nos foi confiado, pode ser um rosário de casinhas mai-los seus quintais. No dia da entrega dissemos isto mesmo ao povo que apareceu. Lembrámos que, por ser muita a distância (quase 800 metros), até alguns rapazes, pensando em casar e não tendo outro lugar onde edificar, poderiam pedir licença e ser ali.

A estrada da «sete voltas» passa, na sua parte superior, pela freguesia de Vandoma. O Pároco é o mesmo. Ele ouviu o recado.

Esta casa caiu do céu no lu-

Américo na viagem a África, figurou no grupo.

Ora a Família é composta de Mãe e três filhos. Ela não é solteira nem viúva. Pertence àquele número, infelizmente muito nosso conhecido, das abandonadas.

Um dia o homem abalou em procura de outras terras e de melhor vida... e nunca mais deu sinal de si. A mais pequenita nem o conhece. Os mais velhitos decerto se não lembrão. Mas mais esquecido é ele,

mai-los higiénicos e um quintal, se o quiser fabricar, e ar e luz e vistas e sol desde o nascer ao pôr.

E os «Encanecidos» — quem são?

São alguns dos velhos companheiros de África de Pai Américo. «Rapazes do seu tempo»... que os anos encaneceram. Daí o nome que deram ao grupo deles ainda vivos, quando da citada visita que

continua na página três

«... **a** Obra da Rua nasceu e logo foi consagrada ao Santíssimo Nome de Jesus. Tal Consagração tem abatido sérias dificuldades, produzido as maiores espectações e, não obstante, tudo é normal. Tal como os Apóstolos da Ressurreição, assim também nós hoje, pelo mesmo princípio e dentro da mesma lógica podemos e devemos afirmar: «Ó povo de Israel, ficai sabendo que é tudo em nome de Jesus Nazareno que vós crucificastes». — Pai Américo.

Este o efeito — o mesmo para indivíduos e Famílias e Nações — da confissão do Nome de Deus. A recíproca também é verdadeira.

P.e Américo Aguiar.



CALVÁRIO

A noite desce sorradeira neste instante. Os doentes recolheram já às respectivas casas e leitões. Reina silêncio completo no Calvário.

Estou à cabeceira do Senhor Agostinho. O estado inquietante em que ele se encontra não permite que todos descansemos em casa. É preciso velar, que o Senhor parece querer vir em breve chamar-nos este pobre enfermo canceroso, tão sofrido e torturado. A face apresenta-se deformada pela enfermidade exposta. A respiração torna-se-lhe ofegante. Os gestos descontraídos. A vista turva. Ao lado, estou a um tempo inquieto e tranquilo. Há momentos o ungi, e acredito plenamente na eficácia dos sacramentos e na paz que deles advém a quem os anseia e recebe. Se não fora a horrenda deformação do rosto, que nada lhe permite ingerir, ter-lhe-ia dado também o Corpo do Senhor. Ele bem queria. Pedi. Mas não pode, e agora, muito menos. Diante da morte sabemos bem que a vida não finda. O fim desta aqui é o começo d'Aquela. Eis porque me tranquilizo.

Este incurável é mais um abandonado que reclamou o Calvário. E quantos pela Pátria fora não o desejam! Tenho em meu poder a lei de apresentação deste doente no hospital, onde, por via da lei de vigor, não pode dar a entrada respirada: «Snr. Director Clínico.

O doente Agostinho de Sousa é um caso sem quaisquer possibilidade de cura. Deita pela boca um cheiro nauseabundo e toda a gente tem horror dele; ninguém lhe concede um quarto para dormir e ele há dois dias que fica na rua. Era carrejão; não tem vintém nem família.

Que será possível fazer a este desgraçado? Que solução para esta dramática situação?»

Este documento basta-nos. Ele é testemunha duma Presença que muito querida nos é: Cristo palpável e sofrido. Não precisaríamos de recuar dois mil anos para O encontrar. Nem quereríamos. P'ra quê? Ele está patente no Seu nobre e muito mais nestes. A Fé no-la dita. É tão fácil descobri-lo! Basta amar este pobre canceroso para O descortinar. Como quereríamos que todos viessem aqui para a descoberta incómoda, mas feliz, do Senhor!



A romaria dos que vêm em espírito não pára. Helena de Lisboa duas vezes com 500\$ e «uma enorme alegria em dar». Não fora esta o primeiro fruto do amor — doação. Uma vintém com 100\$ e «muita pena de que eles não representem sacrifício da minha parte, pois não me fazem falta. Mas compenso isso com muita amizade à obra da Rua». De que mais precisa o mundo além do amor? Para a Casa do Senhor dos Passos, a construir no Calvário, 500\$ e mais 100\$.

Do Alandroal 100\$. De Coimbra remédios. Da capital roupa. Da mesma cidade 50\$ por três vezes. De África um cbaile. De Bragança um lençol.

Visitantes com 1.700\$ e 100\$ e 50\$ e 20\$. Peditório na Trindade somou 8.500\$; nos Carmos 7.200\$.

Migalhinhas mensais da «portuense qualquer». Os nossos doentes rezaram já pela conversão de seus pais.

A Escola Josefa de Óbidos envia 750\$. Trata-se de pequenas estudas que dão ensinamento: «é fruto de amor pelos doentinhos».

Com notas de cem, tripeira em Lisboa, viúva de Mafra, Emília de Lisboa, por duas vezes, serrana não sei donde, Rio Tinto, Estoril, Porto, Valongo, Leça e Ermezinde. Já me esquecia da Lousã, de um sacerdote, e de «quem muito

quer à obra da Rua, pela conversão dos meus».

De Cachinas mil de um voto. Oh! voto, diriam os nossos rapazes. De Tondela, da Lousã acorreram a saldar as dívidas do pobre de Monsanto. Para a lâmpada de S. S. 60\$.

Outra vez quem vai acabar a Casa do Senhor dos Passos, com 120\$. «Uma doente para doentes», como de costume.

Assinantes com parcelas variadas. Donativos de 200\$, 250\$ 100\$, 50\$ 60\$ 40\$ e 20\$.

Quem pode avaliar estes 20\$ «com muito carinho e amor»? E mais estes 100\$ «com o desejo de poder dar mais»?!

Aquém e além mar tudo responde. Barcelos com 20\$. Bragança 50\$. Castelo Branco Melgaço e Lourenço Marques com outro tanto. Com 30\$ Matozinhos e Cacia. Tondela e Chaves com 20\$. Avelal com 150\$. S. João da Madeira com 250\$. Lisboa com 300\$. Parecia mal que menos fosse. Sempre é a capital! A Lousã com 100\$ e O. de Azeméis com metade. Dundo com 50 angolanos e a Beira com outro tanto, moçambicanos.

Funcionária pública com 330\$ do aumento de ordenado. Minha senhora o mundo não entende a renúncia e muito menos o anonimato. Contudo prossiga. Outros a imitam. Veja. «Metade de meu ordenado, 200\$ por alma dos meus pais». «Que estes 50\$ me aju-

dem a suportar a cruz».

Raúl do Porto 100\$ em duas vezes. J. Manuel metade. Emília outro tanto. Maria 20\$. Egas igual nota, bem como mensalmente Pecador de Ovar. «Migalhinha de 150\$ bem mais pequenina do que desejava». Duas de 20\$ e «se cada um de nós se dispusesse a fazer um pouco daquilo que realizarmos... como se amenizaria imenso o sofrimento do



SETUBAL

Passou no primeiro de Julho — Festa do Preciosíssimo Sangue de Jesus — o aniversário da abertura da nossa Casa. Há quatro anos! O nosso primeiro ano de vida de Pai Américo! Em carta dirigida às autoridades Ele dizia que esta Casa havia de ser luz e fazer luz. Era a sua missão! O fim primordial! Ser luz! Comunicar aos homens a presença viva e activa da personalidade mais universalmente sedutora e querida de todos os homens — Jesus Cristo.

Foi este o motivo primário por que Pai Américo se entregou à missão de ser pai dos que o não tinham e é esta também a única causa por que nos unimos a Ele e participamos do seu ideal. Ser pai dos que os não têm, por amor a esta Personalidade cativante e para mostrar ao homem envelhecido pela rotina e pela indiferença a actualidade palpante da Sua Doutrina sempre viçosa. Por isso desprezamos o mundo e o seu dinheiro; clamamos mesmo que não o queiramos para nada, pois bastar-nos sentir sobre os ombros o braço pesado e terno do Senhor que tanto nos ama.

Poderá parecer poesia ou exaltação mas nós damos testemunho e desafiamos quem quer que seja: — Venha ver! Esta presença divina que nos vem pela fé, sem merecimentos individuais, é-nos familiar e quase sensível.

Nós não somos a Luz nem a fazemos por nós mesmos. Somos a pedra fria que produz faísca pelo atrito do sobrenatural. Mas só pedra fria. A faísca vem da obra. Dós rapazes. Do próprio homem amado por Deus! Os rapazes abandonados é que são! Eles é que sim! O amor de Deus neles e por eles! O rapaz é tudo. O valor pleno da obra! Ele a nossa dor e a nossa coroa, o nosso sofrimento e alegria e nossa Cruz e o nosso conforto.

— Eu estava, outro dia, prostrado. Eles tinham feito muitas. Andava cansado. O peso tinha sido grande e não pude mais. Estava prostrado com a cabeça às voltas. Pois

Pobre!» A verdade é singela; mas normalmente não entendemos aquilo que não nos convém.

Para obter a graça de boa morte, Isolina envia 200\$.

Com alegria um sobretudo, um lençol. Coimbra manda 270\$ mais 50\$. S. Mamede 100\$. «Humilde portuense» 100\$ pela saúde do marido». M. M. também do Porto e com idêntica quantia. Em sufrágio, mais 100\$ e 50\$. Um amigo dos pobres com 100\$. Avózinha com metade. Outra vez o dobro com muita devoção pelo Calvário. O mesmo «de quem muito vos quer». Com lamento de não poder dar mais, 50\$. Para minorar as dores dos doentes 300\$. Esmola por alma dum filho. Emília de Lisboa

com 100\$. Emília do Porto com 20\$. Com 200\$ e desejo de vir muitas vezes.

Mais outro primeiro aumento de ordenado, 360\$. «Oxalá continue muitos anos com 250\$. Para os cancerosos mais 20\$. Maria da Saudade com o dobro. No Lar 100\$. Cinco vezes mais de não sei quem.

Humilde leitor com uma nota de 100\$. Outra «pela obrigação do costume». E várias delas para a casa «Ouvi-me Senhor». Uma de 20\$ de «uma doente para os doentes». Ele tem sido promessado e graças e grande generosidade. Em troca do que damos, a alegria do bem praticado é começo da recompensa que o Senhor destina.

Padre Baptista

luz é que é precisa. Foi por ela que nasceu e tem crescido esta casa de Setúbal que é já pai e mãe de quase uma centena de rapazes abandonados!

Um incêndio donde os homens vão recebendo calor que lhes derrete e gela o egoísmo que os oprime e afasta de Deus!

Quatro anos passaram já e ao analisarmos se seguimos ainda no caminho traçado, ajoelhamos, em acção de graças, porque, embora sem merecimentos pessoais, reconhecemos ser uma luz cada vez mais viva!

Padre Acílio

FACETAS DUMA VIDA

6.º — O ANIMADOR

— Estávamos em Buarcos quando, em 1928, faltavam justamente trinta anos para a celebração do centenário da fundação do Seminário de Coimbra. Falei nisso ao Américo que imediatamente me obrigou a preparar um brinde (com um «ad omnia») para comemorar o facto... Ele é que me deu a primeira frase — «os mortos mandam» — do tribuno espanhol. É claro que se tinha de falar no Santo D. Miguel da Anunciação... O nosso humilde contributo.

— Quando recebi o Subdiaconado, ofereceu-me os dois volumes do «Berthier» com a dedicatória: «...Como sinal de reconhecimento pela lembrança que me não deu etc». E no fim a célebre assinatura: «P.e Américo!»

— De uma vez preparou-se uma academia e ainda guardo o discurso que me obrigou a fazer sobre a «alegria» e a lembrança dos elogios que me dirigiu.

Depois dos sermões que me marcou em São Pedro de Alva e em Enxofões — há quantos anos! — sai-se-me com um elogio no estilo da oração que fez diante do sacramento de Paço de Sousa por ocasião de uma estadia lá do P.e Chico Antu-

nes: «Ó Jesus, eu não sou mais que um m...»

7.º — A HUMILDADE

Quando se comemoraram as «bodas de prata» de D. António Antunes, já não nos víamos há anos. Como ele reviveu, da Baixa am Liceu D. João III, a nossa camaradagem antiga!

Eu tinha-me picado muito nos espinhos da vida e ele, de longe, assistia... Ao encontrar-se comigo na sacristia da igreja de São Bartolomeu, desata a beijar-me ruidosamente e quase a gritar: «Este... etc...» e cantou um hino de louvor à humildade.

Se não se esperassem recompensas mais altas, valia a pena ter sido rebaixado para receber tal exaltação.

* * *

Foi na missa nova do P.e António Baptista em Lisboa que nos encontramos pela última vez. Ao ver-me aparecer ao longe, na companhia do H. Ruas, cumprimenta: «olhem o laparoto do L...» Mas era por bem.

A missa e ao jantar quis ficar pertinho de mim. Eu gostei de o não ter perdido.

Padre Luciano

TRIBUNA de Coimbra

O nosso periódico dar contas, longe de ser um desfiar seco, é sempre para nós um ajoelhar diante da Bondade de Deus. Deus manifesta-se em todas as obras da criação, mas sentimos muito mais nas obras de amor. Foi assim que O defenheu o Discípulo Amado: Deus caritas est.

A sombra da oliveira donde escrevo, corre a meus pés um rego d'água a cair por entre as pedras e a cantar também o seu hino de amor. Em baixo, o Grilo rega batatas às quais Deus há-de dar a fecundidade. Na medida em que o homem une o seu esforço à acção do Criador, nessa mesma medida toda a natureza se eleva e dá os seus frutos; há harmonia entre a vontade do homem e a de Deus. Deus não só aceita, mas quer e exige a colaboração do homem.

Se isto é necessário e se dá na vida natural dos seres, muito mais Deus o quer nas acções de assistência a Seus filhos. Todos os auxílios que chegam até nós cheiram a divino: mão que esconde, voto que se cumpre, acção de graças que se dá, desabaço que se tem, distância que se transpõe, bem estar de que se priva, lágrimas que se vertem, alegria que se sente, penas que se aliviam, saudades que diminuem, gotas de suor que se derramam, bálsamo que se toma, entes queridos que se lembram, almas que se sufragam, Deus que é glorificado. Estes sintomas são os que acompanham quem nos ajuda.

Vamos ver o que veio de Coimbra: os peditórios das igrejas este ano foram para as Casas para Pobres; somaram trinta e três contos e quinhentos. Mais 510\$ pelo Santo Amor de Deus. Que bela intenção! Trezentos, pelo Despertar, do Senhor Doutor mais os dois netinhos que adora; mais quinhentos dum casal da Sé Nova; mais cem doutro de Miranda; mais 25 dum criada de servir de S. José e cinquenta de quem não pôde ir àquela igreja.

Quinhentos para as amêndoas e pneus usados e tudo o que é da estação de serviço da Auto-Industrial; cinquenta; o mesmo de Senhora amiga de há muito em cumprimento dum voto; 150 de Senhora amiga de há muito tempo; um guarda-louças usado e trazido a nossa casa; quatrocentos das duas amiguinhas de sempre. Há tantos anos e com que carinho elas aparecem sempre!

320 para vários fins; vinte por alma dos paizinhos; cinquenta à mão no C. A. D. C.; cem no aniversário da morte de ente querido; quarenta e muitos vintes para a campanha do jornal; vinte a um vendedor; cinquenta a pedir duas missas que celebrei; medicamentos e coisas de especialidade da Farmácia-Técnica. Quanto nos têm valido estes senhores!

Cinquenta no Castelo de penitência; vinte de quem deu tudo no peditério de Santa Cruz. Acontece tantas vezes! Tantas pessoas que despezam tudo e ficam com pena de não ser mais. São tocadelas do Senhor. Quinhentos no Castelo a pedir duas missas; cem de uma Mãe muito feliz por ver o filho com 22 anos e já formado em direito, sem reprovações. Um abraço meu para a Mãe e para o filho e que saiba pela vida fora pôr a render os talentos que Deus lhe deu; mais pneus usados; mais um pneu.

Sapatos a um vendedor; quinhentos de «fora», de alguém que se dá por nós com todo o carinho; vinte e embrulhos vários no nosso Lar; e mais 200 do aumento de ordenado; uma interessante lembrança da Comissão de Beneficência da Queima das Fitas; dez a um vendedor; cinquenta a outro; quarenta de economias feitas por amor aos nos-

e não pode. Deus lhe valha. Um senhor com a senhora que foi outra vez ao Lar levar um embrulho e cinquenta para a Casa dos Licenciados. Os rapazes já conhecem o carro. Quinhentos na minha mão à porta de Santa Cruz.

Agora são os visitantes: 20+15+25+200+10 e cem para assinatura e prometeu voltar.

Trezentos em vale do correio para as amêndoas da Páscoa; cem da Av. 5 de Outubro de Lisboa; um grande embrulho de roupas de Buarcos por alma de quem eram; vinte da Figueira e mais cem por alma do Marido. Quinhentos em Leiria a um vendedor e pneus usados; vinte em carta; trezentos de um «besteirense»; mais quinhentos para as festas de S. João, mais quinhentos para o jornal, de vizinhos nossos de Miranda.

Mil em vale de correio de Alvaizere; quinhentos de quem esteve uns dias e a quem muito devemos; roupas ao vendedor de Castelo Branco de bons e generosos amigos; cinquenta de Gavião em acção de graças. Graças a Deus.

Padre Horácio

sos. Vinte em carta; 2 queijos e uma bola e 60\$ no Castelo; uma carrada de coisas que nos fazem jeito de quem queria dar muito

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Pai Américo lhes fez em 52. Pois nem distâncias, nem os anos, nem diferenças de credo... — nada diminuiu a velha amizade, que a doação sacerdotal de Pai Américo, antes pelo contrário, fez coroar de veneração.

E como eles são homens sinceros e práticos; e sabem que a amizade não vale apenas pelo que se diz, mas antes se demonstra — aí os temos de novo juntos na sua esmola, fazendo uma lembrança ao Amigo.

Daí o nome da casa: «dos Encanecidos».

Outras notícias, bem mais felizes, graças a Deus, do que as que demos dois números atrás. É Moreira da Maia — da qual dissera, triste, algumas palavras amargas.

Posso dizer agora que, após três anos de buscas infrutíferas dos Vicentinos. Moreira dá sinais de despertar. Mas houve um erro involuntário de informação, que, corrigido, nos permite agora responder afirmativamente ao que antes disseramos que não.

O único terreno oferecido até ao momento não é, nem nunca fôra só o que me foi mostrado a primeira vez. O lugar é o mesmo, mas as dimensões muito maiores. Poderão abater-se as árvores necessárias a uma boa insolação. É o próprio caminho que serve o local Snr. Presidente da Câmara ali presente na segunda visita, prometeu arranjar-lho convenientemente.

É um condicionamento todo novo para os que fomos lá há meses, embora fosse assim des-

de o primeiro instante na mente das Senhoras ofertantes.

Tive ocasião de as conhecer. Doi-me tê-las magoado, sem eu querer nem elas o merecerem. É curvo-me, cheio de admiração, diante da fidalguia cada vez mais rara e toda sobrenatural, com que perdoaram e mesmo tomaram a sua pena para a oferecer a Deus em proveito dos Pobres.

Agora digo que a primeira pedra da primeira casa do Património dos Pobres de Moreira da Maia já foi benzida, sem ser preciso água benta.

Uma palavra ainda. Na segunda visita ao terreno oferecido, um dos companheiros afirmou-se conhecedor «melhor do que ninguém» das possibilidades de terrenos e deixou-nos mesmo uma reticência de esperança.

Ora ele convidou-me para jantar em sua casa, um dia, e sei que faz gosto nisso. Não costumo ir, mas neste caso vou. Vou mal ele me chame, para me mostrar o segundo terreno oferecido em Moreira da Maia ao Património dos Pobres.

É uma notícia da última hora, que prolonga o sol das boas novas que vimos dando. É Monção. Monção — de que se falara já umas três ou quatro vezes para lamentar, agora nos traz motivos de alegria. Ora ouçamos o Vicentino, nosso correspondente:

«Venho dar-lhe uma notícia agradável: já se principiaram a construir as casas em Monção. Para já é um bloco de duas.

Jardins Floridos

Passou o dia 21 de Junho, data do concurso acima dito. Nunca se viu azáfama tal em Ordins, no arranjo das casas. Nem na Páscoa... Quem não andava a-par-da nossa vida parava, mirava e remirava as casinhas brancas, emergindo do meio da folhagem verde e comentava a seu modo.

A semana anterior ao concurso viveu-se febrilmente. Passaram-se senhas de cal gorda, no montante de 829\$10. Cada qual foi buscar a que muito bem quis. E vieram por ela 21 das 37 concorrentes. As mais, ou não quiseram incomodar-se, ou prenderam-lhes as mãos os senhorios, ou tinham já a casa preparada. Homens, mulheres e crianças tornaram-se poucos nestes dias. Vi um canastreiro a servir de trocha. Pobres rendeiros, com o rosto queimado do sol salpicado de cal, a tomar as juntas das paredes. Crianças empoleiradas em escadas a limpar e cair. Mulheres, com as mãos doloridas da cal, tapavam também as juntas e caiavam, na falta, ou desinteresse, dos maridos.

A casa tem grande importância na educação e formação do homem. Vive-se como animal, quando a casa não é mais digna, que cortelha. Consoante a casa, assim os hábitos dos moradores. Perde-se a inteligência e domina o instinto. Esquecem-se certas noções de responsabilidade humana. Para que uma habitação seja digna do homem, deve agasalhá-lo das intempéries e dos inimigos; poder evitar-se a promiscuidade; haver um mínimo de conforto. Mas tal nem sempre sucede em Ordins, onde metade do povo vive em casas alugadas, tantas vezes impróprias para homens. Casas sem quartos. Ameaçando ruir. O chover no leito. O vento a repassar os ossos. Quartos sem soalho, terra batida. Há disto nesta localidade. Contemplo assim uma casa agrícola: ali o senhorio tem os animais, os bois; acolá os «animais» que tangem os bois — os caseiros. O que interessa é que trabalhem, cuidem da terra, paguem as rendas, dêem lucro. Visão crua, mas na qual há muito de real. Pois se há habitações, onde os animais estão

Custou mas foi! O sítio não é assim lá muito perto da vila. Não é aquele que fomos ver. Este terreno é rodeado de pinheiros e arejado, não fica em sítio que se veja. O que interessa é que se principiasse a construir pois pode ser que alguma alma caridosa ofereça mais algum bocado de terreno».

Deus queira que sim. Espero que sim. Penso, mesmo, que o dono daquele terreno «que fomos ver», não há-de voltar com a palavra atrás, sabendo por que se não aceitou a sua oferta mal ele a fez.

Que tudo ande sem mais estorvos e, em breve, aquele bloco de duas seja o fruto compensador da trabalhosa sementeira que finalmente germinou.

mais agasalhados que os caseiros!...

O senhorio tem de ser humano para com o seu arrendatário, não exagerando as rendas e sabendo esperar por elas; dando habitação humana e respeitando a condição de pessoas dos seus servidores. Se assim não proceder, também não merece ser respeitado pelo caseiro.

E quem é católico praticante, acreditando na doutrina do Corpo Místico, segundo a qual cada um de nós, pelo Baptismo, se torna membro de Cristo, não pode desinteressar-se da habitação do caseiro, pois seria deixar Cristo, de novo, vivendo na gruta entre animais.

Ordins, que pouco mais tem sido que terra de penedias e de casas colmadas, também pode ser terra de flores. Disseram-no as 37 concorrentes. Quantos sacrifícios não fizeram, deitando-se, ao longe ao largo, na cata de sementes.

Uma, certo dia, ainda se encontrava quase em jejum à tardinha, pois, manhã cedo, tinha posto pés ao caminho. E, quando não há outro processo... roubam-se plantas. Depois sou eu o culpado. Se não houbera roubos, também não houbera concursos... Os sacrifícios multiplicam-se no amanho do terreno. À luz do luar ou do candieiro, vi sombras a mover-se. Já eram horas tardias. Não olhavam ao cansaço, nem ao frio. Apenas uma coisa os animava: preparar o terreno, semear e entregar tudo Àquele que faz nascer e medrar. Depois o repouso, durante poucas horas. Sente-se frio na cama. Os filhos choram. Vão todos acordando. Os campos chamam-nos à vida dura, outra vez.

Os prémios foram distribuídos. 5.000\$. Procurou fazer-se justiça. Como sempre, não se acertou em tudo. Há rostos iluminados, outros sombreados. Tristeza, a-par-da alegria. Nem todas foram contempladas. Para contentar as que não tiveram prémios pecuniários, valeram-nos as preciosas roupas, vindas de Carviçais. Ótima ocasião.

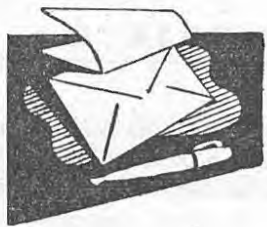
Procurou matar-se a fome, educar e iniciar um processo de melhorar as habitações destes pobres, com o concurso deles mesmos. Ordins, porém, é terra onde medra, à farta, a inveja. Ora esta cria ódios e semeia divisões. Valerá a pena continuar? É um problema que se me põe. Se pudesse dispor, de modo diferente, dos 5.000\$, mas não. Tinham um fim determinado. Tive de o cumprir. Aprecio, por isso, como nota de muito encorajamento, as palavras daqueles que, com suas ajudas, me dão carta branca no administrar e repartir. O problema da habitação, nesta localidade populosa e pobre é grave e só pode resolver-se transformando cada casa, tornando-a digna de ser habitada por pessoas. Mas isto exige sacrifício de muitos.

PADRE AIRES

Visado pela
Comissão de Censura

BELÉM

«Uma casa de família para as sem família»



Uma Carta

Tenho conhecimento de que pessoas de vários pontos do país e até de Viseu têm procurado Belém em vão, acabando por regressar às suas terras e às suas casas sem nos fazerem a desejada visita.

Ora, Senhoras e Senhores, encontrar Belém é coisa bem fácil. Atendam, por favor! Saindo da cidade pela estrada de Vildemoínhos, que qualquer pessoa lhes indicará, em poucos minutos encontrarão uma pequena estrada, denominada da Azenha, por onde devem seguir até passarem em frente da cadeia civil. Um pouco mais adiante, na quinta situada do lado oposto, isto é, à nossa esquerda, aparece um portão vermelho. Em frente desse portão e dentro da referida quinta fica a casa de Belém. Podem entrar, que o portão está sempre aberto.

Mas, se na altura própria não tiverem presentes estes esclarecimentos, por favor, peçam orientação a qualquer polícia, pois que todos já receberam instruções do seu Comandante sobre o assunto, a fim de se evitar que mais visitantes deixem Viseu desconsolados, por não conseguirem encontrar o que desejam.

Eu já há mais tempo podia ter dado os presentes esclarecimentos, mas tem-me faltado a coragem! É que a nossa estrada da Azenha encontrava-se, em tão lastimoso estado, que poucas eram as pessoas que se aventuravam a meter por ela os automóveis. Mas, num dos sábados do corrente mês, o Senhor Governador trouxe até Belém o nosso novo Presidente da Câmara. Vinham para falar comigo, mas eu não estava. Não obstante, na segunda-feira imediata, começavam os trabalhos de restauro da referida estrada e hoje tenho o prazer de poder dizer aos estimados leitores que podem chegar até Belém de Viseu a pé, a cavalo ou de automóvel, sem incomodidades de maior.

Bem-haja o Snr. Presidente da Câmara, pela prontidão com que veio em nosso socorro, tanto mais que se aproxima a época da Feira Franca de S. Mateus, que estou certa trará a Belém grande quantidade de visitantes.

Convém também informar os leitores de que, pouco tempo após o nascimento de Belém, foi a nossa quinta integrada na zona cidadina, pela criação da nova freguesia do Coração de Jesus, à qual ficamos a pertencer. Portanto, não é preciso que escrevam na direcção para Belém a palavra Vildemoínhos. Isto, seria complicar o trabalho dos correios. São suficientes as três palavras que rematam as presentes notas, mas se os leitores mais cautelosos não acabarem de se conformar com uma direcção tão pequena,

então podem acrescentar Estrada da Azenha.

* * *

Acaba de subir a 14 o número das Belenitas e já estão escolhidas aquelas que hão-de vir a ocupar os lugares ainda vagos. Digo que foram escolhidas porque os pedidos têm sido tantos que forçoso foi escolher as mais necessitadas entre as necessitadas. Ninguém pense, pois, em fazer sequer mais um pedido, que não há um único cantinho vago.

Com a chegada das últimas, ficaram aqui representadas mais as dioceses de Lamego, Guarda, Viseu e Vila Real.

* * *

Segue agora, em estilo telegráfico a nota das presenças à Obra:

Três contos oferecidos pelo Governo Civil de Viseu. Uma nota de 500, de Helena. Uma criada de servir das Caldas da Rainha envia 20 escudos e pergunta se pode continuar a receber o Jornal no Brasil. Claro que pode! É mandar a sua nova direcção para Paço de Sousa. E vá por lá fazendo propaganda de Belém, sim? De «uma Maria em Luanda», 50. Encomenda, pelo C. F., de uma Francisca de Lisboa. Mais 50 «em acção de graças por tanto que tenho recebido de Deus». 20 de M. L., pedindo uma Avé-Maria e 50 de Vila Moreira. De anónimo, um cheque de 100, metade seu e metade de sua Mãe. 100 como contribuição de Junho e Julho, de Maria Cecília e de seu Marido. «Em agradecimento ao Senhor por mais um ano de vida e saúde», 50. Recordação de Maria José, enviada pelo viúvo, 100. Por Maria de Deus, 50. Uma Adélia vem e pela segunda vez, com 100 e mais «umas coisitas». 50 de uma vicentina de Maceira. 20 de Lisboa «com preces a Deus para que nos proteja». Outro tanto da «Mãe Albertina». Uma nota de 50 dum João e 20 dum «Amigo da Verdade». Outro tanto de alguém que ficou desolado com a falta de notícias sobre Belém. Aqui volta Maria Amélia com a nota de 50 que se propôs enviar mensalmente. 100 dum Avelino, desejando muitas felicidades. De Gina Maria, vale de 40 e de Maria Emília outro de 110. Outro ainda de 200. De várias pessoas que visitaram Belém recebemos um total de 1.250 escudos. Por intermédio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, 800 escudos. Da assinante 13.582 vieram 50. A assinante 16.102 envia 100 com beijinhos para as «nossas meninas». De Nampula, três encomendas postais com roupas usadas. Retalhos por Maria Angelina. Recebemos em casa feijão, fruta, carolos e géneros de

«Senhor Padre Carlos: Saúde e Bençãos do Céu, é o que desejo para toda a nossa família Gaiata. Eu fico na Graça de Deus. Ainda estou a saborear a alegria da visita. Se não tivesse visto a sentinela, julgaria estar entre a comunidade da nossa Aldeia.

E para entrar nela, não é preciso pedir autorização a ninguém. É o hábito... Custou-me bastante a despedida, mas a esperança de nos vermos mais vezes e mais pausadamente, deu-me forças. A

alegria dos nossos, é bem o invés da dos rapazes que me rodeiam, salvo um ou outro que se sabe pôr no seu lugar. As expressões dos Gaiatos, ditam bem o que lhes vai na alma. Não se nota a alegria maliciosa, que é o pão dos rapazes que me rodeiam. Coitados, quem sabe se os pais já assim foram?

Sabe? Já somos três a rezar o terço em comum. À noite, depois do recolher, lá vamos nós dar uma voltinha pelo quartel a saborear a fresca. Com os bonés ao

AUTO-CONSTRUÇÃO

Este movimento deve poder adaptar-se com facilidade aos diferentes meios do país. A sua finalidade não é fazer. Não. É, sim, estimular, levar rapazes ou homens novos à união, à solidariedade em ordem à construção das suas próprias habitações. Aqueles que as circunstâncias levaram ou venham a levar para uma aparente direcção não querem ter nem muitas atribuições, nem muitas responsabilidades. Querem e quererão estimular, orientar e, na medida do possível, ajudar grupos responsáveis. Na formação humana esta noção de responsabilidade, que nenhum homem digno deste nome pode engeitar, é condição indispensável. Grupos de homens e não rebanhos. Rapazes ordeiros mas que saibam o que querem, como trabalham e para que trabalham. Rapazes ordeiros sim; cegos conduzidos, não. Valorizar os nossos jovens por meio dum trabalho, duro, prolongado, dificultoso, mas muito útil a um nem muito curto nem muito longo espaço de tempo. Cada grupo tem vida independente; reunir-se-á uma vez por semana ou de quinze em quinze dias, o mínimo. Cartas na mesa nessas reuniões. Que todos saibam — pois também todos pagam — onde se compram os materiais quanto custam, quanto dinheiro há, quanto é preciso. Os trabalhos, uma vez começados, têm de andar sem mais licenças, vistorias, etc. Convém aqui afirmar que a Auto-Construção respeitará escrupulosamente todas as disposições legais. Todas. Entendamo-nos. Enquanto essas disposições estiverem em vigor, devem observar-se escrupulosamente. Poderemos discutir uma ou outra disposição legal, uma ou outra interpretação da Lei.

Mas estas coisas dizem-se com espírito de obediência e de colaboração. O que queremos, e que pedimos é que estas leis, estas disposições burocráticas se não multipliquem sem uma verdadeira razão suficiente. É ou não urgente construir

mercearia. Vieram pelo correio várias encomendas com roupas de criança. «Deus confundiu-me... Ele escreve perfeitamente direito por linhas mais que tortas» — diz alguém que envia uma nota de 500. E eu respondo: Bendito e louvado seja agora e sempre o Seu Santo Nome!

Inês — Belém — Viseu

milhares de casas no país? É ou não necessário dar um pouco de fé e de confiança aos nossos trabalhadores? É ou não necessário quebrar o individualismo das nossas gentes? É ou não necessário interessar grupos de jovens por outra coisa além e acima do futebol? É ou não necessário dar a mística do sacrifício da luta à nossa mocidade, através duma obra séria? Para isto, nós — e temos a certeza de muitos outros connosco — não conhecemos melhor do que a Auto-Construção.

Continuamos a receber cartas de diferentes regiões do país. A última é da cidade de Évora. Também lá querem a Auto-Construção. Lá chegará com certeza. Tudo dependerá da maneira como nós próprios — os orientadores e os operários — cumprimos. Aqueles que estão agora a fazer as suas casas, em verdade, não estão a fazer só as suas próprias. Indirectamente estão já a construir muitas outras.

* * *

Continuam a chegar donativos: Coimbra 30\$00; anónimo de Lamego, 20\$00; um comerciante de Viseu, 50\$00; um outro de Vila Franca das Naves, 40\$00; uma senhora de noventa e dois anos de Lisboa, 50\$00; um senhor do Porto — viva o Porto! — 2.000\$00. Mora na Rua de Nossa Senhora de Fátima.

(Toda a correspondência para: Auto-Construção—Aguiar da Beira — Beira Alta).

Padre Fonseca

ombro, lá andamos nós na nossa «conversa». Tem havido reparos por parte da malta, e um já desertou, mas eu e o outro julgamos chamá-lo de novo. Que Deus nos dê Força para afastarmos de nós o factor «respeitos humanos». Com que alegria eu tenho saboreado o recordar o nosso terço dentro da furgoneta no trajecto para o Porto. Isto só para nós: Nos «bigodes» da nossa família, por vezes também há respeitos humanos. Mas é a idade, que não deixa repeli-los. Nós nessa idade somos tão fracos!... Depois há por vezes uma ou outra companhia que tem influência sobre nós. Mas para isto existe a nossa «Voz»...

E pronto, por hoje chega de conversa. Só tenho que lhe dizer que os cabelos brancos estão a crescer de dia para dia, e que precisa de descansar, porque...

Saudades para tudo e todos. Beijo as mãos do Senhor Padre Manuel e peço a Benção da nossa Obra, beijando-lhe a Mão sacerdotal e Paternal.

Seja Louvado Nosso Senhor Jesus Cristo. Sauda a todos o

Ernesto Pinto

PÃO DOS POBRES

Manuel Pinto está no escritório a fazer barulho: falem do livro. Olhem que a tipografia tem de rolar sempre. Todos os dias precisamos de dar que fazer aos correios, encher os combóios...

É verdade. Onde houver um português, numa casa portuguesa, em todo o lado, tem de haver as nossas edições.

Os nossos livros são explosões de amor porque ditadas pelo coração, escritos com o sangue dos Pobres. Um pouco antes de deitar, numa aberta, em qualquer altura que estejas com fome, devora. Exactamente como se faz no Seminário do Verbo Divino, em Fátima:

«Recebi o «Pão dos Pobres» — pão abençoado, mas duro tantas vezes, como nos é dado provar neste livrinho.

Mando aqui 20\$00. É um sinal de reconhecimento e queria que, com o sacrifício que eles representam, significassem um pouco do muito amor que a Obra da Rua nos merece a todos. Tenho-lhe uma promessa feita... Oxalá a condição se realizasse e pudesse assim mandar-lhe mais, muito mais!»

Temos andado um pouco atrasados. São obras na oficina, por via duma Monotype. É a curiosidade de Todo o mundo. Desordem. São eles...

Pinto informa que estejam descansados que os Luíses vão receber. Os Maneis, Santos, os Vieiras, todos vão receber. Tudo limpo. Tudo em dia.

Resta-nos dizer a todos os outros senhores que se mexam, pois amanhã pode ser tarde. Há muito que podiam, deviam e ainda não disseram nada. É preciso meter ombros a esta tarefa: Que as Casas do Gaiato se difundam. Que todos os que só comem caldo precisam de pão a acompanhar. Este «Pão» é o conforto dos Pobres e libertação dos ricos.

Feir